CONHECIMENTOS UTEIS.

INSTRUCÇÃO PUBLICA.

365 As dimensões d'este jornal são talvez muito limitadas para conter inteiros de uma vez artigos de grande extensão, e que todavia não comportam serem cortados; não sei mesmo se a maioria do grande número dos seus leitores os acolhe com benevolencia: e éstas considerações teem-me reduzido muitas vezes ás tristes circumstancias de não podêr tractar assumptos alias interessantes, nem podêr desinvolver outros que porventura o mereciam. Todavia hoje resolvi romper por éstas considerações, e peço a indulgencia dos meus leitores para lhes offerecer nas columnas da REVISTA um extracto do discurso do bem conhecido Miguel Chevalier, pronunciado no dia 19 do passado no *Collegio-de-França*, na occasião d'abertura do seu famoso curso d'Economia-politica.

Eu tenho a convicção de que os leitores da REVISTA, que tiverem o bom senso de ler este extracto, se darão por bem pagos do seu tempo, e me agradecerão talvez haver-lhes proporcionado ésta occasião de meditarem um pouco sôbre a instrucção-pública, que se ainda hoje é em França inferior ás necessidades dos povos, como se póde ella considerar em Portugal, onde, faltando-lhe tudo, até o *pensamento*, (seja-me licito dizel-o assim) sobejam-lhe todavia as cadeiras de latim, derramadas por todas essas terras do reino — villas e não sei se aldeas — talvez com a idea de fazer do nosso paiz uma Arcadia... ao passo que não é attendido o systema d'instrucção que demanda um povo que começa a entrar no caminho de uma nova organização-social—que não sabe da industria senão o nome — que ainda ignora o que são sciencias applicadas — que não tem um so instituto para formar homens capazes de dirigir os seus melhoramentos materiaes—que não conhece a agricultura theorica, e mal na prática—que não tem em fim escripto na sua lingua um curso d'economia-politica... Mas, por hoje, deixarei fallar so Miguel Chevalier.

« Senhores (disse elle:) Nos cursos dos tres annos passados fiz eu consistir o ensino da economia-politica no exame e discussão dos meios geraes de augmentar a faculdade productiva das sociedades. Assim, temos successivamente passado em revista: primeiro, as máchinas, depois, as vias de communicação, estradas, canaes, caminhos-de-ferro, que são instrumentos de grande fecundidade: occupámo'-nos depois do credito, cuja missão é depositar capitaes nas mãos de homens capazes de os fazer render. Procurámos saber como estes differentes agentes multiplicavam as fôrças humanas pela producção, e por consequencia augmentavam a massa dos recursos que se repartiam pelos homens. Fizemos por descobrir quaes eram as disposições que se deveriam tomar para que o productor recebesse de todos estes auxiliares os maiores serviços possiveis. Examinaremos este anno, com o mesmo fim, a influencia da instrucção-publica; determinaremos o que se póde e deve esperar d'ella; tractaremos, n'uma palavra, d'aquillo que se convencionou em chamar *ensino professional*.

« A importancia d'este assumpto é facil de avaliar. Bem se comprehende que, de todas as fôrças que tomam parte na creação das riquezas, a primeira d'ellas reside nos braços e na cabeça do homem. Quasi que é uma ingenuidade fazer observar que é necessario para bem produzir ter primeiro cuidado de preparar o proprio productor.

« Fallei ao mesmo tempo na cabeça e nos braços do homem; porque, comeffeito, cabeça e braços, tudo o homem põe em acção quando produz. Não reconhecer n'este acto senão a fôrça physica, é aviltar a industria, quasi que é ultrajar a natureza humana. No homem é a cabeça que dirige os braços, e o titulo de glória da industria moderna consiste em brilhar a razão do homem sempre em toda ella. Fiel á sua divina essencia, ésta razão, dominadora de todas as coisas da terra, tem conseguido introduzir na indústria, para servirem as nossas necessidades, mil poderes outr'ora rebeldes e temidos; agora domados e doceis: e assim se ennobreceu o trabalho.

« A industria moderna é incessantemente inspirada pela sciencia. Tira quanto quer d'ella como de um reservatorio infinito. D'ella extrahe um fermento que, similhante a esses liquidos mysteriosos dos magicos de que bastava uma so gôtta para fazer de um anão um gigante, ou de um monstro uma belleza acabada, põe a materia em trabalho e transforma em riqueza os mais brutos elementos. E, com liberal compensação, restitue á sciencia o que recebêra d'ella, porque o estudo dos phenomenos da producção faz crescer continuamente os dominios da sciencia especulativa.

« Mas não é so entre duas classes distinctas, a dos sabios e a dos industriaes, que éstas felizes e fecundas permutações se devem realizar, é para desejar que ellas se possam estabelecer tambem no fôro interno de todo o homem que pratica a industria. Convem que o homem que se consagra ao trabalho industrial saiba a razão do que faz. É util que elle possa ir da theoria á prática e que esteja familiar com uma e com outra em diversos graus, segundo a diversidade da posição e da carreira que segue, e que para as approximar melhor uma da outra as reuna ambas em si. Isto seria de summa vantagem para o bom exito da producção. A dignidade pessoal do productor não ganhará n'isso menos que a sua faculdade productora. A educação que recebe o immenso pessoal da industria deve preparal-o pois para um continuo vai-vem entre a theoria e a prática; todos teem necessidade de se pôrem em estado de fazer ésta perigrinação: este, de modo que possa vencer grandes distancias; aquelle, cuja esphera é mais rasteira, de modo que possa, pelo menos, andar alguma coisa. Por outros termos, é preciso que este pessoal inumeravel seja iniciado nos conhecimentos humanos n'aquillo que elles tem de applicavel. É preciso que se lhes inspire o gôsto de applicar o que sabe, e que se lhes faça contrahir o hábito de tirar a prova ao que faz com a pedra-de-toque da sciencia.

« Na infancia ter-vos-hão emballado talvez com a ficção do paiz d'Eldorado, onde era tudo minas, d'oiro e onde a arêa dos rios era esmeraldas o diamantes que não havia mais que faciar e polir para converter em infeites de deslumbrar; ter-vos-hão contado as aventuras de viajantes intrepidos que la tinham ido e voltado carregados de riquezas inauditas. Póde-se dizer que é ésta a imagem do campo da sciencia. Elle offerece, em abundancia, ideas fecundas de que, algumas vezes, uma so é bastante para fazer a fortuna não de um homem mas de um povo inteiro. Para este fim porém é necessario saber explorar a mina d'oiro e lapi-

dar o diamante bruto. N'isto é que consiste a tarefa da sciencia applicada: este é o seu genio. E, quando eu fallo de minas d'oiro e diamantes não exaggero. Acreditais que entre as minas d'oiro derramadas pelos campos do Brazil, nas stepps da Siberia, ou no interior d'Africa, haja uma so que valha tanto como a agulha-de-marear? Isto é, a applicação do magnetismo á arte de navegar; e porventura ouvistes nunca fallar de alguma mina de diamantes que produzisse a centessima parte do que tem valido ao genero humano a applicação do vapor?

« Talvez se me diga: a poucos homens é dado ter o ingenho de Papin, Newcomen e Watt, cujas invenções successivas deram ao mundo as machinas de vapor: ou d'igualar o bemfeitor desconhecido que primeiro ensinou aos homens a usar da bussolla nos navios. Ora, se o estudo das sciencias applicadas se não motiva senão pela esperança de tam brilhantes descobertas, que raras vezes os seculos veem, de que serve occupar com ellas o commum dos homens? Mas, senhores, para tornar aos termos de que ha pouco me servi, cadaum de nós, na sua esphera vasta ou restricta, recebeu o seu diamante para lapidar ou para polir pelo menos n'alguma das suas faces. Poderosos ou fracos, todos, ca na terra, para não faltar ao nosso destino, devemos fazer alguma coisa, mais que não seja que ajunctar um grão d'area á mole sempre crescente que representa o progresso do genero humano; para que quando deixar-mos este mundo levemos comnosco a consciencia de não havermos ca sido inuteis, e deixarmos ficar algum signal da nossa passagem.

« De um, a quem a providencia deu muito, tem a especie humana direito a esperar um presente magnifico; em quanto que outro será quite e merecerá reconhecimento offerecendo o obolo da viuva. Mas todos nós, temos um tributo que pagar. Para o grande industrial será elle um methodo novo ou um melhoramento de um methodo antigo, que tenha concebido ou haja introduzido n'um paiz que o ignorava. Para o pobre operario será o trabalho das suas mãos nos processos industriaes, ou qualquer circumstancia por pequena que seja que tenha imaginado ou que haja contribuido para ser usada n'uma officina que a não conhecia. O meio mais seguro de descobrir por si mesmo estes aperfeiçoamentos grandes ou pequenos, ou de nos apropriarmos d'elles e legal-os aos outros, consiste em observar as operações da industria, e approximal-as aos principios da sciencia: e estaremos aptos, seja no que for, quando, por meio da educação, temos conseguido vermos um pouco familiares com a intima razão das coisas.

« Ésta correlação da idea com a acção, da theoria com a prática, parece que não deve desafiar objecção nenhuma, antes, pelo contrario, grangear a approvação universal. Pensar e executar, conceber e obrar, não serão com effeito as duas faces da vida? Não é porventura uma o complemento da outra? Quem poderia pensar em levantar um obstaculo entre a theoria e a prática, agora que toda a theoria não é senão a experiencia ou a prática accumulada e condensada, e que toda a prática não é senão uma idea ou uma theoria que sahe dos limites da abstracção para tomar corpo e manifestar-se por actos? O que sabemos nós que se não reduza a uma interpretação da prática da natureza? Que fazemos nós que não seja a applicação de alguns segredos que temos pilhado á sabedoria infinita, que é do que se compõe toda a nossa sciencia?

« Sim, senhores, é bom que se recorde á sciencia, se ella allucinada pelo orgulho affecta desdem pela industria que subjuga a materia, que todos esses conhecimentos com que o espirito humano levantou para si um throno, não são mais do que pedaços dos processos do prático-supremo que fez o mundo. E a industria, se acaso recusasse ouvir os conselhos que lhe dá a sciencia, commetteria grande inconsequencia: desconheceria o segredo da sua força, e voltaria costas ao bello destino que lhe está promettido. Ella nada faz senão em virtude das leis naturaes que a sciencia trabalha em descobrir, e não póde adiantar-se, senão conhecendo melhor essas mesmas leis e seguindo-as melhor. O pedreiro que faz um muro com o olivel na mão, é o observador attento da mesma lei da gravitação com cujo auxilio o astronomo traça a orbita dos planetas e vaticina a reapparição dos cometas. São tambem os trabalhos do sabio no seu gabinete, que teem produzido directa ou indirectamente a maior parte das invenções com que a industria se tem transformado ha meio-seculo a ésta parte.

« Bacon disse com grandeza e verdade: 'O homem, ministro e interprete da natureza, não obra nem conhece senão á proporção do que tem observado na ordem da propria natureza. Elle não tem outra sciencia nem outro poder.' D'este modo a theoria e a prática tocam-se e sustentam-se. As suas origens confundem-se. Como é pois que se podia tentar separal-as com um muro de bronze?

» Todavia é um facto, que a pratica e a theoria, na pessoa dos homens que as representam especialmente uma e outra, não marcham com toda a harmonia que era de desejar. Os theoricos e os praticos em vez de serem d'accordo e de se sustentar, desconceituam-se. O pratico repete muitas vezes com voz inexoravel a sentença consagrada por este adagio: « *que é bom em theoria é mau na prática.* A theoria paga-se com usura do desprêso da prática. Do alto da sua grandeza, põe-se muitas vezes a olhar as artes uteis como misteres ignobeis, e os homens que as exercem como seres abatidos até não serem mais que machinas.

« O que é mau na prática é mau na theoria, e o que é bom na theoria deve ser bom na prática. Mas a theoria póde ser muito incompleta; póde não ter sido bem comprovada pela observação dos factos; toda a theoria em seu principio pecca por isto, e n'esse caso ella não tem amadurecido pela applicação. Quando se descobre um principio ou uma idea-mãi, nem por isso se adquiriram os meios efficazes da sua execução, e d'aqui vem que algumas excellentes descobertas teem ficado estereis por muito tempo. A maior parte das vezes a figurada discordancia que se allega entre a prática e a theoria não significa mais do que a difficuldade que sentimos de passar no mesmo plano do principio á applicação. E comeffeito ésta transição é incommoda. Algumas vezes é como essa ponte lançada sôbre o abismo que era preciso atravessar para chegar ao paraiso de Mahomet, e que não tinha senão a largura da folha de uma cimitarra. Maior razão

pois para affeiçoar a mocidade desde o começo, pela acção incessante da educação, á alliança da prática com a theoria.

« Os obstaculos que encontra ésta alliança no homem são de duas especies: uns podem ser qualificados de naturaes: pegam com a propria natureza humana; os outros são artificiaes: são os prejuizos dos homens; as convenções sociaes que correspondem ao estado politico das nações. Uns e outros podem ser subjugados pela vontade pública e pela fôrça da resistencia individual.

« Disse que uns eram naturaes. Para os avaliar é necessario remontar á essencia do homem. Ha no homem dois principios distinctos, o espirito e a materia, que unidos pelo laço da vontade caminham junctos como maus companheiros, em lucta constante um com o outro, ao mesmo tempo que mutuamente se auxiliam, tendendo sem cessar a uma reparação que todavia excita o seu receio. D'este modo o homem é um abismo de contradições e ao mesmo tempo a mais admiravel harmonia produzida pelo Creador. D'estes dois principios que estão associados no seu seio e la vivem como inimigos intimos, um d'elles corresponde á theoria e o outro á prática. A mesma essencia do homem explica como a theoria propende sempre a desligar-se da materia de que ella tem perpetua necessidade, e porque é que a prática procura constantemente persuadir-se de que póde prescindir da theoria, com cuja ausencia todavia ella ficaria como sem luz nas trevas, sem guia no chaos. Felizmente porém d'esta mesma analyse resulta que a vontade activa, o trabalho do homem sôbre o homem, e o proprio trabalho sôbre si mesmo, bastam para equilibrar as hostilidades das duas tendencias oppostas, e decompol-as n'uma fôrça que impelle o homem para diante na linha do seu futuro.

« Disse tambem que outros obstaculos artificiaes embaraçavam na nossa imaginação e nos nossos costumes, a alliança da theoria com a prática. Vós ja conheceis, senhores, as ideas que vogaram n'um tempo em que a industria era o dote dos escravos, e das classes opprimidas e flagelladas. Segundo a expressão de Cicero, era isso um vil mister, *sordidæ artes*. Roma havia feito nos tempos de Patricio e Scipião uma excepção a favor dos trabalhos agriculas, que depois deixou esquecer no tempo dos Cesares. Athenas e as republicas gregas da costa d'Asia toleravam e até mesmo ennobreciam o commercio maritimo; mas em geral as profissões da industria eram reprovados pelos povos da antiguidade. É fôrça convir em que os povos civilisados que succederam ao imperio romano não estavam mais adiantados. Davam pouca consideração ao exercicio das artes uteis. O direito da espada tinha privativamente constituido todos estes reinos formados dos destroços do imperio dos Cesares. A primeira jerarchia era a da espada e a industria era desterrada para bem longe na abjecção pela vaidade opprimida dos privilegios. O que se ligava com a cultura do espirito ia chegando para a emancipar. Nos fins do antigo regimen, não havia desdoiro havia honra na cultura das sciencias e das lettras; mas perdia-se pelo exercicio das artes industriaes a nobresa que se conservava subindo ao tablado da 'Opera'. As ideas enraizadas pelos habitos de quatorze seculos não são faceis de extirpar. A revolução franceza que, como um furacão, derrocou instituições que se podiam acreditar ainda como florescentes e que se reputavam indestructiveis, nem sempre teve nas ideas igual imperio. Eu não me esqueço, senhores, nós distâmos apenas meio seculo do antigo regimen. Todos os povos nossos vizinhos ainda teem menor intervallo de separação; e n'alguns persiste elle ainda. Não nos devemos pois espantar de que as convenções sociaes d'esse tempo façam sentir ainda agora a sua influencia e contribuam para manter uma demarcação entre a sciencia e a pratica industrial. Cada dia porém se faz algum destroço novo n'essa demarcação; cada dia a industria ganha em credito e auctoridade. O logar que de facto se lhe procura na organização politica, em França, é um penhor do seu destino. »

O illustre professor mostrou depois como a introducção em maior escalla, das sciencias naturaes no programma da instrucção pública, constituiria ja uma parte do ensino professional.

« Pois que, senhores (continuou elle) éstas sciencias que revelam ao homem as suas relações com o universo, que lhe ensinam a dominar a natureza, que lhe fazem admirar a Providencia nas suas obras; éstas sciencias que o fazem participar, tanto quanto o comporta a fraqueza d'elle, dos segredos da ordem estabelecida pela divina sabedoria no mundo dos mundos; com que se fundam as artes, com que o homem explora e embellece a terra que lhe foi destinada para sua habitação: deverá elle ignoral-as! Nunca sería demasiada a instrucção d'ellas derramada em todas as classes da sociedade! Ésta é uma d'essas questões que bastam ser propostas para serem immediatamente resolvidas. »

Depois M. Chevalier examinou o ensino professional em relação com a organisação politica e social, e concluiu assim:

« Estamos no caminho do bom-senso quando pedimos que a geração que principia seja preparada pelo ensino, que deve receber, para o destino que tem de ter. Isto é o mesmo que sempre se fez; em toda a parte e em todos os tempos a educação da mocidade tem sido regulada sôbre a base da organização social; ora, hoje ésta base é a industria. Estamos no caminho da justiça, e mostrâmo'-nos animados pelo espirito da civilização moderna, quando reclamâmos que ésta iniciação se extenda em medida proporcional a todos os que a ella teem direito.

. . . . . .

. . . . . .

« Fóra d'isto, um systema d'instrucção pública que não offerecesse a associação d'estes dois elementos — ensino litterario e sciencias d'applicação — combinados nas diversas proporções que correspondem ás diversas carreiras, sería incompleto, vicioso, retrogrado, e não tenho dúvida em dizer que muito inferior ás necessidades dos povos civilizados. A economia politica faltaria ao seu fim e não preencheria o seu dever, se não apontasse com todas as suas fôrças ésta necessidade pública. »

STATISTICA-MEDICA.

366 O Sr. Dr. G. Abranches, mui distincto clinico e dos mais zelosos que hoje honram a faculdade

de medicina, fez a honra de remetter á REVISTA a seguinte statistica medica relativa ao bairro do Rocio, e ao mez de dezêmbro. Sería de desejar, e é muito d'esperar, que o exemplo do Sr. Dr. Abranches seja seguido pelos seus illustres collegas, e que assim se consiga confeccionar uma statistica-geral d'este genero, que não so é de lamentar, mas ainda vergonhoso que nos falte.

Ésta breve statistica não póde ser mais concisa, nem mais curiosa: no mais resumido quadro possivel satisfaz todas as exigencias.

« Em dezembro de 1845, falleceram no bairro do Rocio: o do sexo masculino 32; — do feminino 20; — expostos nos adros das igrejas 30. Total 82. As molestias principaes de que falleceram foram: apoplexias 10; — phtisicas pulmonares 5; — febres 4; — bronchites e pneumonites 9; — differentes phlegmasias abdominaes 13. Entre os fallecidos do sexo masculino figuram: 5 commerciantes, — 3 empregados publicos, — e 3 de occupações scientificas e litterarias. E d'entre os 52 fallecidos de ambos os sexos: 8 tinham de 70 a 80 annos, — 4 de 80 a 90, — e 2 de 90 para cima. »

G. A.

SABÕES.

367 Os esforços do contracto do sabão, para aperfeiçoar este producto, teem conseguido effectivamente consideraveis melhoramentos, no sabonete com especialidade; mas não ha remedio senão confessar que ésta industria entre nós ainda está muito e muito longe da perfeição a que os fabricantes de Paris a teem sabido levar, e que faz com que elles n'este objecto não temam a concorrencia de nenhuma outra parte do mundo.

Ora, isto provém muito do nosso desleixo, que n'este ponto como em todos os outros ramos de industria, nos deixâmos sempre ficar atraz, nunca nem siquer ao par, contentando-nos quando muito de *imitar mal*. Em tudo podiamos fazer mais; mas n'este ramo que é dirigido por uma companhia de homens poderosos, ninguem negará que mesmo por utilidade propria d'elles, quando mais nada se devesse ter em vista, podiam ser empregados melhores meios para obter productos mais perfeitos. Os nossos sabonetes são muito caros e ainda muito imperfeitos. D'aqui vem que os sabonetes importados e que se alcançam por contrabando são, talvez, mais de metade da quantidade consummida. Eu penso que uma grande parte d'este prejuizo se evitaria com bem pequeno sacrificio presente, e muita vantagem futura, de duas maneiras:

1.ª Mandando vir de França dois habeis fabricantes, chimico-industriaes, e os necessarios apparelhos para a boa fabricação e aperfeiçoamento do producto.

2.ª Rebaixando o preço o mais que fosse possivel, para vulgarisar e fomentar o grande consummo, e introduzir nas classes pobres os habitos de limpeza; n'este caso tanto mais faceis de contrahir quanto a idea do luxo e imitação das classes elevadas, lhes será inherente.

Este alvitre me levaria muito longe, se eu me quizesse demorar com elle. Aqui viriam, entre outras muitas, as considerações dos deveres dos homens que são chefes de vastas empresas industriaes, e da necessidade indispensavel que ha d'uma grande capacidade quando se tracta do gerir interesses públicos, e pôr em execução projectos gigantescos. Empresas d'esta natureza teem alcance maior que o de adquirir alguns lucros; e bem se intende que uma simples combinação mesquinha para realizar estes, não é capaz de abranger toda a vasta escalla dos immensos resultados que essas empresas poderiam produzir.

Em quanto pois éstas coisas senão comprehendem melhor em Portugal, pareceu-me util indicar algumas das substancias que hoje se estão empregando em França no fabrico de sabões, noticia extrahida da *Revista Scientifica e Industrial*, na parte em que dá conta do relatorio do jury que conferiu os premios na última exposição do industria, relativa ao mez de settembro de 1845 e publicada a 20 de dezembro último. Se não for bastante a indicação d'estas substancias, porque se ignorem os meios de as empregar, ou as dózes convenientes; d'isso não tenho eu a culpa: de nós não estarmos habilitados a conhecer d'essas coisas é que me eu queixo. Entre nós um chimico é um homem que le os livros de chimica fechadinho no seu quarto; um industrial é um official mecanico que executa o que lhe ensinou outro mais velho ou *mais prático* do que elle, que teve o nome de seu *mestre*. Se houver alguma honrosa excepção em quanto aos primeiros, nenhuma ha, que eu saiba, emquanto aos segundos. Fóra d'este circulo não ha sahir. So se o *Conselho superior de instrucção pública* algum dia quizer ter piedade d'este estado de coisas...,

O melhor sabão é aquelle que é fabricado com azeite puro; mas usam tambem do azeite d'oliveira misturado com o azeite de palmeira, e do sebo e outras substancias riccas de stearina e facilmente saponaveis, e presentemente regeitam todos os oleos-gramineos. (1)

A resina o acido-oléico, e a pedra-pomes, são substancias muito usadas para os sabonetes.

Para a preparação e desingordurar a lan para os pannos, usam de um sabão verde, molle, cuja base é a potassa.

N'alguns sabonetes usam da *silice* em pó finissimo, que tem a propriedade de *rapar*, por assim dizer, a pelle, e desintranhar a poeira que o sabonete ordinario não seria capaz de arrancar dos poros. Tambem usam, em logar da *silice*, de pedra-pomes. Este sabonete é o mais caro e tem privilegio.

Concluirei fallando do sabão *menotti* ou hydrofugo, de que a REVISTA n'outro tempo tractou bastante. Aqui está o que d'elle diz o texto.

« M. Menotti teve a feliz idea de solidificar *a composição hydrofuga da Akerman, cuja receita foi publicada por Vauquelin em 1804, e que, depois, tem sido muitas vezes citada nos livros* (2)

« O uso d'este sabão é principalmente recommendavel ás classes pobres, que são as que mais soffrem com o rigor do tempo, pela vantagem d'elle tornar os vestidos impermeaveis. Por infelicidade os habitos *rotineiros* dos consummidores não teem dado occasião a que ésta util invenção se desinvolva como merece.

« O jury considerando que se prestaria grande serviço aos militares, aos maritimos e em geral a todos os homens que estão expostos á intemperie da atmosphera, tornando-lhes o fato impermeavel á agua; considerando que os meios de alcançar ésta impermeabilidade são simples e baratos; considerando que M. Me-

(1) O sabão branco ordinario faz-se com azeite e lexixia de soda.

(2) Com éstas indicações será possivel procurar-se a receita, e depois vir talvez a conseguir fabricar o sabão.

notti fez portanto uma descoberta proveitosa: assentou em recompensar os seus uteis trabalhos julgando-o digno de honrosa menção. »

ESTATISTICA-LITTERARIA.

368 Do Relatorio do conselho superior de instrucção pública se extrahe o seguinte:

« Pelos mappas recebidos até agora na secretaria do conselho o numero dos alumnos, que frequentaram n'este anno lectivo os estudos classicos, é de 2:231, faltando ainda o mappa do lycêo do Porto, e os de algumas cadeiras annexas aos lycêos: podendo ao todo orçar-se em 3:000 aquelle numero. D'estes houve 344 no lycêo de Braga; no de Coimbra 266; no de Lisboa 393; em Evora 57. Estudaram lingua latina 1:715, rethorica 60, logica 331, geographia 16, lingua grega 7, lingua franceza 168, ingleza 49, alleman 14, arabica 8. 109 seguiram os cursos da aula do commercio. Da frequencia nas ilhas adjacentes ainda o conselho não alcançou notícias.

« A frequencia actual dos lycêos, mórmente de Lisboa, Porto e Evora, é tão insignificante com referencia á população, que desalentára o animo dos que verdadeiramente se empenham no progresso da instrucção; se não foram as esperanças de melhorar o gosto nacional, inspirando o amor das lettras pela persuasão da sua utilidade, melhorando o ensino público pela escolha de bons professores, e abrindo carreiras d'interesses aos que mostrarem dicisivo aproveitamento n'este ramo d'instrucção. O conselho animado de ardentes e sinceros desejos, espera ver realisadas aquellas esperanças pelos seus disvellos e esforços, e a poderosa cooperação dos sabios nacionaes que muito se esmeram na cultura das lettras classicas.

« A instrucção superior, cujo melhoramento mereceu sempre entre nós a attenção quasi exclusiva dos sabios nacionaes, e solicitude dos nossos soberanos, vai regularmente acompanhando o progressivo desenvolvimento das sciencias.....

.....

« A concorrencia aos estudos superiores tem crescido progressivamente, e talvez se possa reputar hoje superior ás necessidades do paiz. Esta excessiva tendencia precisa porventura de ser moderada por mais subido gráu de habilitações, afim de se aproveitar o talento superior, e desvi r as falsas capacidades; evitando ao mesmo tempo o desiquilibrio, sempre desvantajoso, a outros ramos de industria não menos importantes e necessarios.

» Foi 1:423 o numero dos alumnos que frequentaram as escholas da Universidade, 266 a eschola medico-cirurgica de Lisboa. 79 a do Porto. A academia polytechnica portuense teve 140 alumnos, a de bellas-artes portuense 121. O conservatorio real de Lisboa 167 alumnos. A disciplina tem sido mantida em todos estes estabelecimentos, não obstante a deficiencia de medidas regulamentares em alguns: apenas na eschola medico-cirurgica de Lisboa foi preciso recorrer ao meio energico de riscar da matricula alguns insubordinados, que excitaram motins escandalosos contra um dos professores. »

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XXVII.

Chegada a Santarem. — Olivaes de Santarem. — Fóra-de-Villa. — Symetria que não é para os olhos. — Modo de medir os versos da biblia. — Architectura pedante do seculo XVII. — Entrada na Alcáçova.

369 Eram as últimas horas do dia, quando chegámos ao principio da calçada que leva ao alto de Santarem. A pouca frequencia de povo, as hortas e pomares mal cultivados, as casas de campo arruinadas, tudo indicava as vizinhanças de uma grande povoação descahida e desamparada. O mais bello comtudo de seus ornatos e glórias suburbanas, ainda o possue a nobre villa, não lh'o destruiram de todo; são os seus olivaes. Os olivaes de Santarem cuja riqueza e formosura proverbial é uma das nossas crenças populares mais geraes e mais queridas!.. os olivaes de Santarem la estão ainda. Reconheceu-os o meu coração e alegrou-se de os ver; saudei n'elles o symbolo patriarchal de nossa antiga existencia. N'aquelles troncos velhos e coroados de verdura, figurou-se-me ver, como nas selvas incantadas do Tasso, as venerandas imagens de nossos passados; e no murmurio das folhas que o vento agitava a espaços, ouvir o triste suspirar de seus lamentos pela vergonhosa degeneração dos netos...

Estragado como os outros, profanado como todos, o olival de Santarem é ainda um monumento.

Os povos do meio-dia, infelizmente, não professam com o mesmo respeito e auctoridade aquella religião dos bosques, tam sagrada para as nações do norte. Os olivaes de Santarem são excepção: ha muito pouco entre nós o culto das árvores.

Subimos, a bom trotar das mulinhas, a impinada ladeira — eu alvoraçado e impaciente por me achar face a face com aquella profusão de monumentos e de ruinas que a imaginação me tinha figurado e que ora temia, ora desejava comparar com a realidade.

Chegámos emfim ao alto; a majestosa entrada da grande villa está deante de mim. Não me inganou a imaginação: é uma grandiosa e magnifica scena!

Fóra-de-villa é um vasto largo irregular e caprichoso como um poema romantico; no primeiro aspecto, áquella hora tardia e de pouca luz, é de um effeito admiravel e sublime. Palacios, conventos, egrejas occupam gravemente e tris-

temente os seus antigos logares, infileirados sem ordem aos lados d'aquella immensa praça, em que a vista dos olhos não acha symetria alguma; mas sente-se n'alma. É como o rhytmo e medição dos grandes versos biblicos que se não cadenceiam por pés nem por sylabas, mas cahem certos no espirito e na *audição interior* com uma regularidade admiravel.

E tudo deserto, tudo silencioso, mudo, morto! Cuida-se entrar na grande metropole de um povo extincto, de uma nação que foi poderosa e celebrada mas que desappareceu da face da terra e so deixou o monumento de suas construcções gigantescas.

Á esquerda o immenso convento do sítio ou de Jesus, logo o das Donas, depois o de San'Domingos, célebre pelo jazigo do nosso Fausto portuguez — seja ditto sem irreverencia á memoria de San'Frei Gil que é verdade veio a ser grande sancto, mas que primeiro foi grande bruxo. — Defronte o antiquissimo mosteiro das Claras, e aopé as baixas arcadas gothicas de San'Francisco... de cujo último guardião, o austero Frei Diniz, tanta coisa te contei, amigo leitor, e tantas mais tenho ainda para te contar! Á direita o grandioso edificio philippino, perfeito exemplar da massissa e pedante architectura reaccionaria do seculo dezesette, o Collegio, typo grandioso e bello no seu genero, e quanto o seu genero póde ser, das construcções jesuiticas...

Não ha alma, não ha genio, não ha espirito n'aquellas massas pesadas, sem elegancia nem simplicidade; mas ha uma certa grandesa que impõe, uma solidez travada, uma symetria de calculo, umas proporções frias, mas bem assentadas e esquadriadas com methodo, que revelam o pensamento do seculo e do instituto que tanto characterizou.

Não são as fortes crenças da meia-edade que se elevam no arco agudo da ogiva; não é a relaxação florída do seculo quinze e desesseis que ja vacilla entre o bizantino e o classico, entre o mystico ideal do christianismo que arrefece e os symbolos materiaes do paganismo que accorda; não, aqui a *renascença* triumphou, e depois de triumphar, degenerou. É a inquisição; são os Jesuitas, são os Philippes, é a reacção catholica edificando templos *para que* se creia e se ore, não *porque* se crê e se ora.

Até aqui o mosteiro e a cathedral, a ermida e o convento eram a expressão da idéa popular, agora são a fórmula do pensamento governativo.

Alli estão — olhae para elles — defronte uns dos outros, os monumentos das duas religiões, a qual mais expressivo e loquaz, dizendo mais claro que os livros, que os escriptos, que as tradições, o pensamento das edades que os ergueram, e que alli os deixaram gravados sem saber que o faziam.

Mais embaixo, e no fundo d'esse declive, aquella massa negra é o resto ainda grandioso do ja immenso palacio dos condes de Unhão.

Rodeámos o largo e fomos entrar em Marvilla pelo lado do norte. Estamos dentro dos muros da antiga Santarem. Tam grandiosa é a entrada, tam mesquinho é agora tudo ca dentro, a maior parte d'estas casas velhas sem serem antigas, d'estas ruas moirescas sem nada de arabe, sem o menor vestigio de sua origem mais que a estreiteza e pouco accio.

As egrejas quasi todas porêm, as muralhas e os bastiões, algumas das portas, e poucas habitações particulares, conservam bastante da physionomia antiga e fazem esquecer a vulgaridade do resto.

Seguimos a triste e pobre rua Direita, centro do debil commercio que ainda aqui ha: poucas e mal providas logeas, quasi nenhum movimento. Ca está a curiosa tôrre dos Cabaças, a velha egreja de San'João-de-Alpiarça. Ámanhan iremos ver tudo isso de nosso vagar. Agora vamos a Alcaçova!

Entramos a porta da antiga cidadella. — Que espantosa e desgraciosa confusão de intulhos, de pedras, de montes de terra e calissa! Não ha ruas, não ha caminhos, é um labyrinto de ruinas feias e torpes. O nosso destino, a casa do nosso amigo é ao pé mesmo da famosa e historica egreja de Sancta Maria da Alcaçova. — Custou-nos a achar em tanta confusão. Mas ella ca está emfim.

Continúa. *A. G.*

DOS TRIBUTOS ESTABELECIDOS NA ILHA DE SAN'MIGUEL. ETC. (*)

370 O corregedor tinha podêr e alçada nas pessoas de distincção para as degradar até dois annos para o Ultramar; e nos cavalleiros e escudeiros, ainda que fossem de linhagem, por 4 annos; e nos officiaes mecanicos e piões, que não eram de soldada, por 5 annos; e nos piões assoldadados, e piões que ganhavam dinheiro por sua braçagem, tinha alçada para os mandar açoitar, cortar orelhas, e degradar até 7 annos para o Ultramar; e sendo incursos em crime de roubo, os podia degradar para as Galés por metade do referido tempo. Assim tinha toda alçada sôbre os escravos, em qualquer crime que elles commettessem, afora nos casos de morte natural; e nos outros em que

(*) Continuado de pag. 262

não cabia a dita pena dava suas sentenças á execução sem appellação nem aggravo. Tambem tinha podêr e alçada até á quantia de 15$000 rs., assim em bens moveis como de raiz; e as sentenças que davam até á dita quantia se cumpria sem appellação nem aggravo. Quando pessoa distincta delinquia, elle a emprazava para a côrte, e lhe punha penas até á quantia de dez cruzados. Davam cartas de seguro em casos de morte, e de resistencia, sendo negativa e não confessativa, as quaes endereçava para si, como faziam os corregedores da côrte: assim tambem passavam as ditas cartas d'outros casos, que eram menores. Éstas cartas de seguro as podiam dar por tres vezes, depois dos seguros terem tomado duas, e as quebrassem; e isto por qualquer caso que a tal os obrigasse, allegando-lhe razões tão fortes que lhas devessem conceder. Podiam dar sôbre fiança quaesquer pessoas que fossem culpadas, em casos que sendo provados não merecessem morte natural nem civil, nem cortamento de membro, assignando-lhes termo de dez mezes para se livrarem, sob pena de as perderem para o hospital de Lisboa. Se algumas partes queriam levar ao corregedor appellações de feitos de presos das outras ilhas, em que o corregedor não estava, e sendo ambas as partes contentes que elle as despachasse finalmente, elle as despachava, sendo de casos que cabiam na sua alçada; e quando não havia parte que accusasse se não a justiça, se os accusados estavam contentes de lhe despachar as ditas appellações, d'ellas tomava elle conhecimento, e as despachava finalmente, cabendo em sua alçada, sem mais de suas sentenças haver outra appellação nem aggravo. Estes corregedores tinham alçada para conhecer de acções novas, no logar onde estivessem e seu termo, bem como no raio de 5 leguas, sem embargo de pelas ordenações os corregedores não poderem d'ellas conhecer. Quando iam de uma para outra ilha levavam os feitos comsigo, sendo de muita consideração, e de pessoas poderosas, maiormente se lhes parecia que os juizes da terra não fariam justiça. Na ilha de que tractamos conhecia por acção nova, avocava as causas dos poderosos e das mais pessoas de que os corregedores das comarcas podiam conhecer. Não intendia, nem tomava conhecimento dos feitos que estivessem findos por sentença do capitão donatario ou do seu ouvidor, salvo quando era mister para diligencias de outros feitos. Quando d'Angra chegava o corregedor a ésta ilha, antes que usasse da sua alçada apresentava na camara a sua carta de jurisdicção e a notificava ao capitão donatario: se porem no primeiro logar aonde desembarcava elle não estava, mas achava-se na ilha, lha fazia notificar; isto é, se estava na distancia de 5 leguas, no caso contrario começava a usar da sua alçada. (1) Tanta era a contemplação que os donatarios mereciam n'aquelles tempos!

Finalmente elles eram os juizes que conheciam das suspeições postas aos juizes de fóra e ordinarios. (2) E por fim no anno de 1766 elrei D. José outra vez separou a correição da ilha de San'Miguel, e creou juizes de fóra em todas as villas notaveis.

O Provedor dos residuos e capellas, e o juiz dos orfãos e ausentes, residiam em Angra: estes grandes officios andavam em familias distinctas da ilha Terceira, porém não eram letrados os que exerciam estes lucrosos empregos: d'elles se appelava so para a relação de Lisboa. (3)

Além do ouvidor, de que ja fizemos menção, havia juizes ordinarios. N'este estado se conservou a administração da justiça até que em 1554 fôra nomeado o seu primeiro juiz de fora (4) ao qual pertencia a correição da ilha de Sancta Maria, por alvará d'el-rei D. Sebastião com data de 25 de janeiro de 1572: nos casos crimes tinham alçada para mandar açoitar piões de soldada quando estavam assoldadados, e outros piões que ganhavam por sua braçagem; e assim tambem os escravos pessoaes: podiam degradar os dittos piões para o Ultramar até 2 annos, e para outros pontos do continento até 3 annos; bem como os escudeiros e vassallos que não eram de linhagem; e similhantemente os officiaes mecanicos; cujo podêr e alçada se intendia n'aquelles casos em que pela ordenação são postas expressamente as dittas penas: n'aquelles porém, em que não eram expressamente postas as determinava como julgava de justiça. Nos casos civeis tinha alçada até á quantia de 5$000 réis sendo de bens moveis, 4$000 rendo de raiz; e podiam pôr penas até 1$000, como lhe conferia a ordenação livro 1.° tit. 65: e nos casos acima declarados, assim crimes como civeis, e nas penas, davam suas sentenças á execução, sem d'ella receberem appelação nem aggravo. Quando algumas pessoas distinctas, cavalheiros e escudeiros, sendo de linhagem, e vassallos, commettiam algum crime pelo qual parecesse ao juiz de fora que deveriam ser emprazados para a côrte, lhe fazia os autos de suas culpas, e com elles os enviavam: quanto ás suspeições, que aos juizes de fora eram postas nos feitos e causas de que em razão do referido exercicio podiam conhecer, se haviam da maneira seguinte: Tanto que era tentada a suspeição por alguem, não se lançando elle por suspeito procedia sempre na cau-

(1) Talvez pareça prolixidade fastidiosa, mencionarmos todas as jurisdições, d'estes corregedores por isso que algumas d'ellas são conhecidas; todavia, como observámos em nossas investigações archeologicas nos diversos archivos da ilha de San' Miguel, que depois de el-rei nomear o corregedor se lhe dava um — regimento d'Alçada — sendo dada a 1.ª a Affonso de Mattos muito notavel é que a que se deu ao corregedor Cyprião de Figueiredo, no anno de 1578, e ao desembargador Diogo Monteiro de Carvalho; pareceu-nos que isto era do dominio da *historia açoriana*, e que não deviamos eliminar d'este nosso trabalho; cuja opinião foi corroborada pelo sr. deputado Bento Cardoso de G. P. Corte-Real, presidente da relação dos Açôres, a quem no anno de 1841 mostrámos copias d'aquellas *Alçadas*. Vid. liv. 1.° do reg. geral da camara de Ponta-Delgada fl. 80.

(2) Liv. 2.° do reg. antigo da camara de Ponta-Delgada fl. 182.

(3) Hist. Insul. liv. 6.° cap. 14 § 142.

(4) Opiniões discordes encontrámos sôbre o nome do 1.° juiz de fora de San'Miguel, e o anno em que foram introduzidos n'esta ilha. Memorias inéditas dizem: que se chamára Lourenço Correa: o auctor da hist. insul. a pag. 139 diz: que se chamára Christovão Soares de Albergaria. Chaves e Mello na sua *Margarita Animada*, diz: que fôra o 1.° no anno de 1572; e nós asseveraremos que o 1.° juiz de fora da ilha de S. Miguel foi o licenciado Correa, nomeado por alvará de 24 de outubro de 1554, tendo de ordenado e para homens, que com elle foram servir nas coisas de justiça, e assim para a sua aposentadoria etc. 67$600 rs. em cada anno, pela seguinte maneira, 50$ a elle de seu mantimento, e 9$600 para os dittos dois homens, á razão de 4$800 a cada um, e os 8$ para a ditta aposentadoria. Liv. 3.° n.° 19, 1 do reg. ant. da camara de Ponta-Delgada fl. 3.

sa que lhe era posta até se determinar a suspeição, tomando comsigo por adjuncto o vereador mais antigo, não sendo suspeito, e sendo-o tomava outro, e sendo segundo, tomavam terceiro, para ambos procederem juntamente no caso; e se todos trez vereadores eram suspeitos, o fazia com um dos do anno precedente, ao qual não se podia pôr suspeição; e os autos que assim ambos faziam eram valiosos, como se a suspeição não lhe fora intentada: e sendo julgado que elle não era suspeito, procedia so na causa como se deveria fazer se a suspeição não lhe fóra posta; e sendo julgado que *o* era, em tal caso não procedia mais. Para se evitar que n'algumas lhe posessem suspeições com o intuito de paralizar os feitos e demandas, qualquer que fosse a pessoa que lhe a suspeição posesse, e em seu depoimento elle não se dava por suspeito, logo a parte depositava certa quantia, a qual perdia para os presos pobres do concelho, não provando suspeição, e era juiz d'ellas o corregedor da comarca. (5)

Ainda que so era juiz de fóra da cidade e seu districto, tinha podêr para tirar devassa dos formigueiros em toda a ilha (6). No anno de 1622 vemos difinitivamente unido a este logar o de corregedor da ilha de Sancta Maria — sendo nomeado para servir ambos Miguel Cirne de Faria (7). Eram juizes das suspeições que se punham aos corregedores d'estas ilhas (8). Eram juizes executores e superintendentes dos reaes direitos applicados para as despezas da guerra (9). Eram audictores da gente de guerra (10): E d'elle, assim como de todos os outros juizes se appellava directamente para a Relação. A este logar andova unido o cargo de juiz dos orfãos.

E conhecida assim a fórma do govêrno da ilha de San'Miguel, vamos referir o que podemos averiguar ácerca dos direitos e tributos que n'ella se pagaram; mostrando os motivos porque pagavam uns, e os privilegios para não pagarem outros.

[Continúa.] *B. J. Senna Freitas.*

ARCHEOLOGIA.

371 Em uma casa, situada em Belem na calçada d'Ajuda, defronte do edificio do picadeiro-real, achou-se não ha muito tempo uma antiguidade romana, digna de attenção dos eruditos, e que póde dar materia a curiosas conjecturas. Parece ser a base de um *cippo*, ou columnella sepulchral; tem um palmo de altura, palmo e meio de largura na frente, e obra de dez pollegadas de fundo. A inscripção, que occupa exactamente a parte frontal do pequeno monumento, é perfeitamente legivel, sem lacuna, nem obliteração alguma, é a seguinte:

D. M.
PUBLIO CLODIO JUVENI. VIX.
ANNIS LXX. FECIT.
CLODIUS FORTUNATUS.
PATRONO S. B.

Em torno da inscripão vêem-se esculpidas cinco aves nocturnas, da especie das que se observam em muitos sarcophagos antigos.

Tendo constado a S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando, a existencia d'ésta antiguidade, que por muito tempo esteve servindo de lavatorio na casa acima mencionada, desejou vêl-a, e examinando-a com a attenção propria de um intelligente archeologo, não se dedignou de exercer, copiando-a exactamente, o seu talento artistico; dando com isso mais uma prova do interesse que lhe merecem as reliquias e recordações da grande nação outro'ora dominadora da maior parte do mundo então conhecido.

O dono d'ésta joia archeologica, o Sr. José Maria Gomes, se compraz com a maior franqueza e urbanidade, de a mostrar aos curiosos e intendedores.

* * *

(5) Liv. 1.° do reg. geral da camara de Ponta-Delgada fl. 83 v.

(6) Liv. 1.° do reg. da camara de Ponta-Delgada fl. 133.

(7) Liv. 1.° do reg. da camara de Ponta-Delgada fl. 318 v.

(8) Liv. 1.° do reg. das correições das ilhas dos Açores fl. 133 v. e 144.

(9) Por alvará de 20 de julho de 1650 — Liv. 1.° do reg. geral da camara de Ponta-Delgada fl. 464.

(10) Provisão do desembargo do paço de 26 de outubro de 1723. Liv. 3.° do reg. da camara de Ponta-Delgada fl. 28. E no dito liv. a fl. 73 v. está uma ordem do conselho de guerra a este respeito, na qual deu a mesma decisão.

POESIA.

DESEJOS!

372 Ó alma que respondes como um echo
D'esta alma ao suspirar,
Quem és tu? onde estás? porque te escondes?
Vem — Quero-te abraçar!

Quem és tu, que assim sabes, devassando
Mystérios de meu peito,
O que posso sentir — e no que hei sentido
O recatado effeito?

Um gesto, uma palavra, um breve indicio
Uma leve esperança!
Não me deixes ver so, naufrago incerto,
Promessas de bonança!...

É por ti — é por almas como a tua
Que eu tenho suspirado.
Em vão sempre: hoje não: ja me vislumbra
Outra luz — outro fado!

E heide em trevas ficar? não hade o braço
Que um canto alçou do veu
Erguel-o emfim — travar-me d'alma ardente
E transportal-a ao ceu?

Arcano, que me matas de incerteza,
Não podêr eu rasgar-te?
Anjo vem: em segredo, amante e amado,
Vem, que eu quero adorar-te.

Muito — sempre! Qual amas — qual eu amo!
Em mysterio profundo,
Vem, anjo vem! Seremos sos na terra:
E d'ambos so no mundo!

26 de dezembro
de 1845. *Mendes Leal.*

THEATRO NACIONAL.

III.

373 Deixei dito no n.º 26 da REVISTA a maneira porque, na minha opinião, deveria ser estabelecido o nosso primeiro theatro de declamação: como o seu rendimento entraria n'um cofre d'onde sahiriam as despezas de costeamento; como o subsidio serviria so de supprir éstas despezas quando não chegasse o rendimento: como se comporia a sua administração; quem conheceria das peças que se representassem; como d'este modo uma empreza era desnecessaria, e quanto ésta na realidade é prejudicial á arte, aos artistas, ao Estado, e á economia do Thesoiro. Prometti tractar da legislação franceza e ingleza sôbre theatros, e investigar a parte d'ella que poderia ser applicavel ao nosso theatro; e é isto o que hoje começo a fazer.

Haverá treze annos que o parlamento inglez se occupou por espaço de dôze sessões d'este objecto de theatros; dois bills foram promulgados em resultado dos trabalhos de uma commissão expressamente nomeada para este fim, como corpo consultivo, e composta de trinta e nove membros que foram interrogados em mais de quatro mil questões. Ésta commissão compunha-se de sette proprietarios, seis empresarios, dois chefes de companhias-ambulantes, seis actores, oito escriptores dramaticos, tres compositores de musica, quatro magistrados, um ministro-inspector, e dois censores.

Em 1843 um novo bill sobre theatros adoptou o trabalho de 1832 em muitas das suas disposições, mas substituiu-lhe um systema ainda mais simples e absoluto. Por ésta legislação nenhum theatro se póde abrir em toda a Gran'Bretanha sem um alvará-regio, ou licença da auctoridade administrativa, segundo as localidades. Ésta auctorisação é concedida a um individuo responsavel cujo nome deve ser impresso em todos os cartazes, e que deve apresentar uma fiança de 500 lib. st., pelo maximo. Ésta fiança é destinada a garantir a observação das condições a que a empresa se obrigou, e o pagamento das mulctas em que possa incorrer. A auctoridade administrativa póde mandar fechar o theatro quando o julgue conveniente, e interromper as representações; e prescreve tambem os regulamentos que se devem seguir para a boa-ordem e decencia dos espectaculos. Estabelece-se tambem uma censura. O censor le as peças; risca todas as palavras e passagens que lhe parecem reprehensiveis, e se a peça inteira merece a sua desapprovação, prohibe a representação d'ella. A censura emprega-se principalmente em tudo quanto é indecente, ou contrário á religião, em tudo o que justifica ou anima o vicio ou o crime, toda a allusão a acontecimentos politicos contemporaneos, especialmente palavras que possam excitar á desordem. (1) Uma cópia de todas as obras dramaticas novas, ou do qualquer alteração que seja feita n'uma obra antiga, deve ser entregue á auctoridade, sette dias antes da representação, com designação do theatro onde ésta se vai fazer; e a representação póde ser prohibida pela auctoridade durante ou depois d'este praso de sette dias, tomando por fundamento as conveniencias dos bons-costumes, a decencia ou a tranquillidade pública *(for the preservation of good maners, decorum or of the public peace)*. Ésta prohibição póde ser absoluta ou temporaria. Com a entrega da cópia acima paga-se um direito que não póde exceder a dois guineos. Uma penalidade de fortes mulctas é estabelecida tambem no caso de contravenção das disposições d'esta lei, que abrange toda a producção destinada á scena, desde a tragedia até á pantomima, quer seja dada toda inteira quer em fragmentos.

Os direitos d'auctor não estão considerados n'esta legislação. Apenas um bill, proposto por Bulwer, e que passou a 10 de junho de 1833, estabeleceu que as obras dramaticas fossem consideradas como as outras producções litterarias, para os direitos de propriedade; mas não se prescreveram as retribuições que o theatro deveria pagar por cada representação. Para obviar ésta omissão os auctores dramaticos reuniram-se em sociedade, nomearam agentes em todas as principaes terras do reino-unido, e facultaram ás empresas a representação das suas obras pagando-lhes um direito cujo minimo sería de sette shellings; grande número d'auctores porém (entre estes o popular Scheridan Knowles, que o anno passado visitou Portugal) recusaram fazer parte d'esta sociedade, e continuaram a tractar directamente com as empresas.

Á vista do que mui succintamente deixo exposto, não será difficil reconhecer que o estado do theatro em Inglaterra não é prospero nem póde servir de modêlo. Alli não ha commissões de leitura para conhecer do merito das peças. O empresario consulta quem bem lhe parece, e quasi sempre são os actores que decidem dos effeitos da obra. Alli não ha nenhuma eschola dramatica, nem estabelecimento nenhum similhante ao nosso conservatorio de musica e declamação: os theatros de provincia é que fornecem d'actores os theatros da capital; o celebre Kean foi autor de provincia. A condição dos actores é muito precaria; geralmente são pagos todas as semanas, e alguns ás representações. Muitos actores ambulantes teem chegado a morrer de fome. No emtanto alguns dos actores dos dois principaes theatros d'Inglaterra — Drury-Lane ou Covent-Garden que teem conseguido estabelecer solida reputação, são os despotas, por assim dizer, de seus companheiros que quasi so trabalham para elles.

(1) Sendo a Inglaterra um paiz em que, segundo se diz, mais e melhor se intende a liberdade, onde a imprensa goza de uma franqueza quasi illimitada, e em que, finalmente, a auctoridade pública exerce attribuições mui restrictas; é de admirar o nimio rigor da censura nas peças de theatro. Um exemplo que posso apontar bastará para produzir ésta admiração nos leitores. Dizia-se n'uma peça, fallando do rei Guilherme, 'toca rebeca como um anjo,' ésta passagem foi riscada. A mais pequena phrase que tenha ressaibos de impia ou grosseira, é supprimida. As imprecações, e os juramentos, não podem passar. O nome de Deus não é permittido ser invocado n'uma comedia, e na tragedia permitte-se o uso d'esta invocação, mas com grande parcimonia.

Os theatros de Londres são muito pouco frequentados: o público não afflue senão á opera-italiana e ao theatro-francez que é quasi permanente em Londres. Nos theatros secundarios quasi todas as peças são traduzidas do francez. O theatro de Coven-Garden tem sido fechado muitas vezes por falta de concorrencia e o de Drury-Lane, apezar de dirigido pelo afamado actor Macready, falliu.

As despezas de uma empresa theatral em Londres são enormes. Como a musica é a mania dominante os theatros de Drury-Lane e Convent-Garden são obrigados a terem duas companhias, uma de canto outra de declamação. Para provocar a concorrencia, aproveitam as empresas todos os meios: as pantomimcas e os bailetes, principalmente pelo natal, preferem a tudo. Nos palcos de Drury-Lane e Covent-Garden, teem escandalosamente passeiado os tigres e leões.

A côrte e a aristocracia teem abandonado o theatro-nacioal, por consequencia é moda não o frequentar.

Ja se ve que o estado do theatro em Inglaterra tem fortes parecenças com o nosso. Ve-se tambem que os bills de 1832 e de 1843 são insufficientes; que a organisação está incompleta, e que este estado do theatro é desairoso para uma nação tão illustrada como a ingleza. Ésta consideração fará pêso aos leitores; mas a sua hesitação cessará quando souber que os tories são antagonistas do theatro em Inglaterra, que a camara dos pares lhe é adversa, e que os bispos, por motivos religiosos, o combatem quanto podem. Isto posto, veremos no seguinte artigo qual é o estado do theatro em França, e depois tornaremos logicamente ao ponto da organisação do nosso.

VARIEDADES.

ASSOCIAÇÃO DA PROPAGAÇÃO DA FÉ.

Virtus, repulsæ nescia sordidæ,
Intaminatis fulget honoribus;
Hor. Lib. III. Ode II.

374 Sr. Redactor da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE. — Por mais de uma vez se tem occupado com a Associação da Propagação da Fé os jornaes portuguezes, e com grande pezar meu tenho visto desfigurar e atrozmente calumniar ésta Associação tão respeitavel, e que segundo a opinião de toda a pessoa de bom senso deveria ser julgada acima de todo o vituperio. Alguns lhe tem chamado Associação politica, outros tem ido mais avante não escrupulisando de lhe chamar Associação secreta, sendo na verdade a Associação da Propagação da Fé a Associação mais pública que jamais houve, e aonde não havendo nada de escondido tudo é patente a todos. Grandes são na verdade os seus fins nobre é por certo a sua missão, missão divina, missão sublime; a de illustrar aquelles que jazem nas trevas e na sombra da morte; isto é, de levar o conhecimento da religião catholica áquelles povos que a não conhecem, e que pela ignorancia em que vivem da verdadeira e unica religião se entregam aos mais criminosos e vergonhosos excessos.

Nenhum outro fim tiveram em mira os fundadores d'esta pia Associação quando a estabeleceram no anno de 1820 na cidade de Lião de França, e nenhum outro é o empenho de todos os membros da Associação da Propagação da Fé senão o de concorrerem todos de commum accôrdo para que a religião catholica apostolica romana seja universalmente conhecida e observada por todos os povos da terra.

Posso affirmar que a Associação da Propagação da Fé é totalmente extranha á politica, e posso affirmal-o porque tenho a honra de pertencer a ésta Associação, porque leio os seus Annaes, e porque além d'isso leio tudo quanto a respeito da mesma Associação publicam os jornaes extrangeiros, e pergunte-se a todos os socios se a Associação da Propagação da Fé é uma sociedade secreta, e estou certo que todos affirmarão o contrario, como eu affirmo; entretanto nem por isso julgo que todos d'aqui em diante farão justiça á Associação da Propagação da Fé e á sinceridade e pureza de intenções de seus membros, pois sempre houve calumniadores, e com o apoio d'esses não pode nem deve contar nunca nenhuma corporação respeitavel: pela minha parte declaro que rejeito qualquer elogio e agradeço qualquer vituperio, vindo das mãos de certos individuos; lembrando-me a este respeito do que dizia La Rochefocauld «Il y a des louanges qui medisent, et des reproches qui louent.»

Havendo algumas pessoas na realidade que teem deixado de entrar na Associação da Propagação da Fé não por malicia, mas por totalmente ignorarem os seus sanctos fins, eu julguei que não era fóra de proposito dirigir ésta carta a V. pedindo-lhe o favor de a inserir no seu muito acreditado jornal: a REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, para que desmintindo eu pela imprensa as calumnias vomitadas contra a Associação da Propagação da Fé, dê ao mesmo tempo para conhecimento do público uma idea clara do que é ésta Associação. Foi ella estabelecida na cidade de Lião de França no dia 3 de maio de 1820, a rogos de uma senhora piedoza da dicta cidade, recebendo logo a approvação de Sua Sanctidade, que não tardou em abrir o sagrado thesouro das indigencias para aquelles que quizessem alistar-se n'esta Associação tão respeitavel. O primeiro cuidado dos fundadores foi procurar meios pecuniarios para poderem levar a effeito o fim que se haviam proposto; e determinaram que haveria dois *conselhos*, um na cidade de Paris e outro na cidade de Lião: determinaram outro-sim os fundadores, que a esmola que deveria dar cada socio sería 40 réis mensaes, devendo um socio de entre dez receber as esmolas d'esses dez, e cada colector de decuria fazer a entrega a um colector de centuria, isto é, recebedor de dez decurias, e esse collector de centurias fazer a entrega das esmolas a um chefe de dez centurias, para esse as entregar ao thesoureiro do paiz em que se acha. Os thesoureiros enviam as quotas a um dos dois *conselhos*. Os membros dos conselhos distribuem as esmolas pelos venerandos prelados, arcebispos, bispos e mais ecclesiasticos encarregados das differentes missões. As contas da receita e despeza publicam-se pela imprensa' bem como os Annaes da Associação, isto é: uma colecção de cartas dos missionarios apostolicos, aonde os leitores encontram uma notícia dos usos e costumes dos differentes paizes, bem como do fructo que os missionarios tiram dos seus trabalhos e fadigas appostolicas. Eis aqui está o que é a Associação da Propagação da Fé, digam embora os impios o que lhes parecer; a arma da calumnia é facil de manejar, não precisa de muito ti-

rocinio para lhe aprender o manejo: entretanto é fraca arma, e so arma de fracos e de cobardes que ao principio póde causar damno; mas a verdade que sempre apparece ao cima d'agua, faz desapparecer diante de si a calumnia e os calumniadores. Embora os inimigos da igreja e os loucos sectarios da falsa philosophia do seculo passado, procurem fazer soçobrar a barca de *Pedro*, jamais as portas do inferno poderão prevalecer contra ella « Et portæ inferi non prœvalebunt adversus eam » são palavras do Redemptor que jamais deixarão de cumprir-se. A Associação da Propagação da Fé tem encontrado opposições, e hade encontra-las: sempre as obras de Deus tem tido difficuldades a vencer por isso mesmo que são de Deus; entretanto a Associação da Propagação da Fé, e os seus missionarios ja tem alcançado grandes triumphos para a religião catholica. Quantos povos que outr'ora se devoravam uns aos outros e que agora ja se olham reciprocamente como irmãos. Quantos pais que ha pouco considerando seus filhos como um pesado fardo do qual se desejavam ver livres, os lançavam aos rios; affogando d'esta maneira e pondo de parte aquelles sentimentos tão proprios da natureza humana; agora graças á divina providencia, graças á Associação da Propagação da Fé, ja esses pais desnaturalizados não matam o fructo das suas entranhas; mas pelo contrario, pedem aos missionarios que baptizem seus filhos, e que os eduquem na religião catholica: ja muitos, ainda que não todos, d'esses povos barbaros se vão civilisando e domesticando: entretanto ainda ha uma grande ceara, e os meios não são sufficientes para os grandes encargos que pesam sôbre a Associação. Grande número de sacerdotes se tem destinguido na grande obra da Propagação da Fé. Eu não poderei deixar de mencionar um prelado cujos serviços á igreja o tornam emminentemente distincto, fallo do Exm.° Sr. Fleming, bispo da Terra Nova. Este virtuoso prelado estando de passagem em Lisboa, entre outras particularidades da sua missão que teve a bondade de me contar, eu não poderei esquecer uma: a sua primeira igreja, era feita de madeira, agora ja póde emprehender a edificação de uma nova igreja, nas obras da qual trabalham não so elle bispo e muitos dos seus diocesanos, mas até senhoras que pondo de parte a delicadeza do seu sexo não duvidam ajudar o seu prelado n'uma tão nobre quão laboriosa tarefa: este respeitavel varão pertence á ordem dos franciscanos da cidade de Kilkenny na Irlanda. Muitos outros tem feito grandes serviços á religião. Quantos martyres não tem dado com o seu sangue n'estes últimos tempos, mais uma prova da verdade da religião que professam? Todas as ordens religiosas se tem destinguido, la estão as irmans da caridade e os padres de San'Vicente de Paulo em Constantinopla, os redemptoristas em Baltimore, os missionariôs do Sagrado Coração de Maria na Occeania, os jesuitas, esses porta-estandartes da religião catholica, eilos ahi espalhados por toda a parte prégando e instruindo os povos. Graças a Deus que ja vai passando a moda de ser atheu, ja os sabios pegam na penna para defender a religião ja a defensa do catholocismo não é a partilha esclusiva dos ecclesiasticos; a causa da religião é uma causa commum, cumpre a todos o tomarmos parte na sua defensa e no seu triumpho. Se olhamos para a França ahi vemos Montalembert, Beugnat e outros, defenderem os ministros da religião em pleno parlamento dos ataques de seus contrarios; se olhamos para a Irlanda ahi vemos o grande O'Connel empenhado na defeza da mesma causa, pugnando ao mesmo tempo pela liberdade do seu paiz. Leia-se a *Revista de Dublin*, o *Correspondente*, o *Monde Catholilique*, e outros jornaes aonde apparecem artigos sahidos da penna de tantos sabios, e ahi se encontrarão bastantes artigo defendendo a religião, o primado do papa, as indulgencias etc. etc. Ja me tenho apartado do meu ponto principal, e V. me relevará. Devo finalizar; ja tenho sido mais extenso do que devia. Aproveito ésta occaiião para declarar publicamente que não pertenço a nenhuma sociedade secreta, e sou Sr. Redactor

Largo do Calhariz De V. attento venerador
10 de janeiro de 1846. *Marquez de Vallada*,
Associado da Associação da Propagação da Fé.

MISCELLANEA ARTISTICA.

375 A musica começou a ter perfeição no XI seculo; porque *Guido Aretino*, inventou as seis notas, vulgares, para grande facilidade da disciplina.

O ornar os pavimentos com marmores de diversas côres, recortados e unidos uns aos outros, foi o seu inventor, no XIII seculo, *Duccio de Boninzegna*, Senense.

Os azulejos e os lagedos de côres, tiveram a sua origem na Hollanda, nos principios do XIV seculo, e de la vieram para as mais partes da Europa, onde depois se fabricaram com mais ou menos perfeição.

As Biblias e livros devotos, com pintura de pennejado e illuminuras, appareceram na Europa pelos principios do XIV seculo, e tiveram o seu começo em Florença.

O modo de pintar a oleo, quem o achou foi *João Van Eyk* (chefe da eschola flamenga), nos fins do XIV seculo. Esta invenção foi uma das mais vantajosas para a arte.

As pinturas de vivas e finas côres sôbre vidro, dizse commumente que a epocha da perfeição d'este trabalho foi no principio do XV seculo, e que um pintor de *Marselha* fôra, se não o inventor, o artista que o levaram ao maior aputo e delicadeza. No real exconvento de Nossa Senhora da Victoria, no logar da Batalha, ainda se conservam dos referidos vidros do XV seculo.

A gravura de chapa foi achada fortuitamente, no XV seculo, por *Thomaz Finiguerra*, Florentino.

O abrir as estampas a buril, foi seu inventor *André Mantegna*, Paduano, pintor da eschola lombarda, no XVI seculo.

A gravura em pedras finas, e preciosas e antiquissima; teve sua origem no Egypto. Os Fenicios a praticaram muito; porém os gregos a aperfeiçoaram egregiamente. Passou depois a Italia, onde foi cultivada por habeis artistas. *Antonio Pehler*, foi o gravador mais eximio do XVIII seculo, e principalmente em pedras finas e preciosas; motivo porque o seu busto foi collocado no Pantheon de Roma, entre os dos homens mais illustrados em artes, e sciencias.

Os estuques foram usados pelos antigos, perdidos muitos seculos, foram depois tornados a achar no XVI seculo, por *João Udine*, quando appareceram pela primeira vez as *camaras* de Tito.

O Abbade de Castro.

CORREIO NACIONAL.

376 No supremo tribunal de justiça, no mez de dezembro último, entraram 43 autos, foram julgados 60, ficaram existindo 804.

Está a concurso por 60 dias, contados de 12 do corrente, a cadeira de lingua hebraica do Lyceu nacional de Lisboa; bem como a de linguas franceza e ingleza; e a d'Arithmetica, Geometria e Algebra, do Lyceu-nacional d'Evora.

O Banco-commercial do Porto repartiu; como dividendo do segundo semestre de 1845, trez e um quarto por cento ou 6$500 réis por acção.

Infelizmente declarou-se na ilha da Boa-vista, uma das do archipelago de Cabo-Verde, a epidemia vulgarmente chamada febre-amarella ou vomito-preto. No seguinte número da Revista consagraremos um artigo especial sôbre este objecto.

Os jornaes do Porto gabam muito uma parte da estrada, que ja está feita, d'aquella cidade a Lisboa, dirigida pelo Sr. J. V. Damazio, e avaliam-na como superior a qualquer outra estrada do Minho em *belleza e sollidez*, e como a *mais bem acabada de todas as estradas do reino.*

A camara-municipal da cidade do Porto abriu concurso por 40 dias, contados do 1.° do corrente, para a illuminação a gaz d'aquella cidade; sôbre o que lhe havia feito propostas J. B. Stears, que se obriga a tornar effectiva essa illuminação dentro em dois annos, accendendo mil lapeões, com o privilegio de 21 annos, e 16:000$000 réis annuaes nos primeiros 11 annos e 15:000$000 réis nos 10 últimos annos.

No fim de dezembro último existiam na alfandega do Terreiro 7,279 moios de trigo 775 de centeio, 760 de milho e 29 de cevada. O preço do trigo era de 400 a 580 rs. o alqueire, o do centeio de 260 a 320 rs., o do milho de 280 a 320 rs., e o da cevada de 240 a 320 rs.

As duas sociedades philharmonicas reuniram em assemblea-geral, cadauma em sua respectiva sala, para tomarem conhecimento do parecer das commissões nomeadas para accordarem na reunião das duas sociedades. Na 'Academia-philharmonica' foi regeitado o 1.° artigo do parecer da commissão que prescrevia a reunião n'uma sociedade que se denominaria do mesmo modo *Academia philharmonica*. Na 'Assemblea-philharmonica' foi approvado o 1.° artigo da commissão que prescrevia a reunião n'uma sociedade com qualquer denominação *nova* em que se accordasse. O resto dos artigos foram mandados imprimir em ambas as assembleas para serem opportunamente discutidos.

Na semana que vem irá á scena no theatro de San' Carlos, uma nova opera jocosa, de Ricci, *Chi dura vince*. Proseguem com grande actividade os ensaios de um novo bailete, jocoso, do Sr. Martin.

No dia 12 pela noite houve um pequeno incendio n'umas barracas, na pateo dito do Marquez de Vagos, a San'Christovam. Correu que uma mulher tinha morrido n'este incendio; mas a causa da sua morte foi uma apoplexia, talvez desafiada pelo susto.

Collocaram-se hoje (14) na Praça de D. Pedro algumas balisas com a s guinte inscripção:

« É *prohivido*, entrar n'esta Praça, sejes, carruagens, carros, cavalgaduras, *nem* gente carregada. »

Pedimos á exm.ª camara que por credito seu, e da nossa civilisação, mande redigir a sua determinação por alguem que saiba grammatica.

Assassinio. — As circumstancias de que é acompanhado o facto seguinte, que se communica á Revista, e o conceito que nos deve o nosso correspondente, nos obriga a transcrevel-o na integra da sua communicação.

« Sr. Redactor — Alhandra 6 de janeiro de 1846. — Este anno principiou n'esta villa com muito mau agouro, principiou por um assassinio! Eis o caso

No dia d'anno bom, vindo Manuel d'Abreu Cabano, galego de fretes, em companhia de Manuel Marques Giada, de dar o seu passeio e de beberem a sua pinga, vinham-se recolhendo para sua casa: ao sapal da villa se despediram os dois amigos, e cada um tomou a sua direcção, e quando Manuel d'Abreu atravessava uma travessa que deita para a rua nova, foi chamado por João Maltez, homem que se recolheu para ésta villa ha dois annos, sem se saber de que terra vinha, nem para que vinha, e disse-lhe o tal Maltez — Oh, sr. Cabano eu quero-lhe dar uma palavra — o pobre galego esperou, e o Maltez chegando-se a elle lhe cravou uma navalha, que logo lhe atravessou o coração e offendeu-lhe uma costella inferior, e cahiu morto, pronunciando somente 'ai que me mataram'. O Maltez logo fugiu; porém uma mulher que presenciou todo o facto cahiu no chão desmaiada; seu marido vendo isto perguntou-lhe o que tinha, ella a muito custo disse-lhe: mataram agora alli o Cabano... N'isto passava um rapaz, que vendo o Maltez fugindo com uma navalha ensanguentada correu atraz d'elle a gritar: mata que é ladrão; o Maltez vendo-perseguido e que ja não era so o rapaz quem corria atraz d'elle, fugiu para uma horta e escondeu se entre umas couves, onde foi encontrado pelas auctoridades, e acha-se hoje preso na cadea d'esta villa.

Dizem que o morto nunca tivera rixas com o tal Maltez, pois so se attribue a uns dictos que, por causa da rifa d'uma navalha, ouve entre o desgraçado Cabano e o tal Maltez.

Agora tractando da auctoridade administractiva d'esta villa, não posso deixar de lhe dirigir a minha censura, em 1.° logar, por consentir homens de tal natureza no concelho, sem as precisas disposições que a lei marca, pois ja consta que o tal Maltez, commettera outro assassinio e por essa causa se recolheu a terra extranha. 2.°, é que no acto da prisão, depois do assassino estar preso, querer varal-o com um estoque, fazendo para isso as maiores diligencias; o que deu motivo a que o seu escrivão se fartasse de lhe dar espadeirada, e o povo vendo tal procedimento entrou a gritar: mata esse ladrão que matou o Cabano; e depois foi preciso empregar força para tal se não levar a effeito. Actos d'estes degradam as auctoridades. «

* *